

BRUNA • FONTES

O NATAL DOS

MEDINA-BECKER

UM CONTO DE SOB O MESMO TETO



O NATAL DOS MEDINA-BECKER: UM CONTO DE SOB O MESMO TETO

Copyright © 2016 by Bruna Fontes

Todos os direitos reservados pela editora Duplo Sentido Editorial. Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da editora.

1ª edição - Dezembro de 2016

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

DIRETOR EDITORIAL

Bruna Fontes

COORDENADOR EDITORIAL

Juliana Sobreira Catalão

PREPARAÇÃO DE TEXTO E REVISÃO

Marcele Cambeses

Juliana Sobreira Catalão

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Gabriella Regina

ILUSTRAÇÃO DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Designed by Freepik

ISBN

978-85-92815-02-8

Este conto pertence à série de livros “Medina-Becker”, cujo primeiro exemplar publicado, pela Duplo Sentido Editorial, chama-se “SOB O MESMO TETO”.

Para conhecer mais sobre a série, acesse:

<http://migre.me/vMDLA>

DUPLO SENTIDO EDITORIAL

CONTATO duplosentidoeditorial@gmail.com

FACEBOOK /duplosentidoed | TWITTER&INSTAGRAM&SPOTIFY @duplosentidoed

www.duplosentidoeditorial.com

BRUNA • FONTES

O NATAL DOS

MEDINA-BECKER

UM CONTO DE SOB O MESMO TETO

*A todos os integrantes da família
Medina-Becker espalhados pelo Brasil.
Que seu Natal seja sempre mágico!*



Você deve estar aí pensando que depois de mais de um ano morando juntos as coisas obviamente já teriam se acertado para a minha família, não é? Bem, se você leu atentamente e nos conhece o suficiente, já deveria saber que, quando se trata dos Medina-Becker, todos os padrões da sociedade devem ser *esquecidos*.

De modo que aqui estava eu na véspera de Natal beijando o meu namorado, que vinha a ser também o filho do meu padrasto, no deque da piscina da nossa casa. O que *totalmente* me fazia parecer a protagonista de uma trama ruim de novela venezuelana, mas a verdade é que, se eu saí de um livro, só poderia ser de uma tragédia grega.

Ou uma comédia.

Bem, eu ainda não havia decidido.

Era o segundo Natal que passávamos todos juntos em família, mas esse estava sendo mil vezes mais feliz do que anterior. Quer dizer, não é exatamente o sonho de uma garota estar apaixonada pelo filho do padrasto, não poder ficar com ele, e saber que dois dias depois do Natal ele iria embora para uma viagem de dez meses ao redor do mundo como sempre quis fazer a vida inteira.

João Augusto e seu fascínio pela liberdade. Vou te contar.

Agora, em 2016, ele estava de volta, e eu não conseguia parar de agir como uma adolescente boba apaixonada desde que decidimos mandar o bom senso passear e assumir nosso namoro.

Quer dizer, eu *nunca* entendi gente apaixonada, quer coisa mais degradante do que parecer uma idiota por causa de outro ser humano? Mas aqui estava eu, sendo o retrato exato de todos os meus pesadelos.

Eu, Calíope Medina, indo contra tudo e todos por amor a um garoto.

Quase conseguia ouvir o destino rindo da minha cara e falando em alto e bom som: Parece que o jogo virou, não é mesmo?

Bem, você já *deu uma olhada* bem de pertinho no João Augusto, senhor destino? Porque sinceramente, se esse jogou virou, então a sorte estava a meu favor.

João sorriu pra mim, daquele jeito relaxado e espirituoso de sempre que fazia borboletas se agitarem dentro do meu estômago. Desde que ele voltara, todas as suas nuances pareciam ainda mais vivas do que quando foi embora, talvez porque passar dez meses longe do *boy* fosse mais do que suficiente pra fazer o coração de uma garota sofrer de aflição e saudade.

— *Argh*, vocês dois não conseguem ficar, sei lá, cinco minutos longe um do outro? — Hipólita resmungou, saindo da nossa casa pela porta de trás. Nós dois olhamos para ela, que estava prendendo os cabelos castanhos em um rabo de cavalo. — Mamãe mandou te chamar pra ajudar com a ceia, se você puder parar de sem-vergonhice.

Ah, *Hipólita*. Sempre um doce de pessoa.

Foi ela quem ficou mais chocada quando descobriu toda a verdade. Sabe, sobre eu e o filho do nosso padrasto estarmos fazendo juras de amor eterno por aí. Não que ainda faltasse muita gente na família sem saber — pelos meus cálculos, eram apenas ela, Maia e Selene —, mas Hipólita ainda não conseguia olhar para João e eu sem fazer aquela careta habitual de “*Ew*”.

— Por que só eu e não o mocinho aqui também? — aponte para João, que já estava levantando do deque e pegando seu violão. Ele esquivou uma sobrancelha.

— Eu *acabei* de voltar de viagem, gurias, mereço um desconto — disse.

Ah, *certo*. E eu estava esperando a visita do Papai Noel com meu cheque de um milhão de dólares.

Tanto Hipólita quanto eu lançamos um olhar de tédio para ele, que tinha aquela expressão traquina no rosto.

— Você não acha que dois meses é tempo de mais pra esse seu desconto durar? — minha irmã disse. — Francamente.

— Não pense que vai se safar dessa — puxei a orelha dele, de brincadeira, e mesmo já tendo descido do deque, esse garoto ainda era mais alto do que eu. Queria saber o que é que o Otávio colocava na comida dessas crianças pro João e o Eduardo serem do tamanho de uma *vara*.

— Os meninos chegaram! — alguém gritou de lá da frente da casa.

Por falar em Eduardo...

Fomos todos apressados até o carro do meu padrasto que estava entrando na garagem, e Apolo foi o primeiro a saltar do banco de trás.

— Família, cheguei! — disse meu irmão, abrindo os braços para ser abraçado por todo mundo. Se aquele menino não gritava “leonino” por todos os lados, então eu não sabia mais quem seria capaz de tal proeza. — Trouxe presentes!

— Eba! — comemoraram as crianças.

Foi um tal de abraça daqui, abraça de lá, malas sendo tiradas do carro, vozes falando umas sobre as outras e todo mundo entrando um na frente do outro como se houvesse uma competição de quem conseguia falar mais alto e entrar mais rápido dentro de casa. Fomos para a cozinha, porque era lá que a ação sempre acontecia quando estávamos todos reunidos — e também porque a minha mãe ficaria louca se fosse deixada sozinha com o peru em vez de ouvir cada detalhe sobre a vida dos seus filhos gêmeos, que estavam morando longe dela.

Até o gato se juntou a nós, miando como se quisesse se certificar de que era barulhento o suficiente para ser um legítimo Medina-Becker. Stella o pegou no colo, acariciando seus pelos, enquanto Hélio contava alguma coisa sobre ter passado na prova para ser monitor de uma matéria esquisita de engenharia química no ano que vem.

Gente de exatas, um mistério da humanidade.

— Piá *nerd!* — implicou Patrícia aos risos. Meu irmão ajeitou os óculos no rosto, se empertigando com orgulho de si mesmo. — Não acredito que ano que vem estaremos *todos* na faculdade.

— Quem não acredita sou eu — disse Otávio, já visivelmente abalado com o fato de que faltava muito pouco para João, as gêmeas e eu sairmos de casa também.

Ah, o ano que vem. Se eu pudesse ser um ano, com certeza seria 2017, que ainda nem havia chegado e eu já considerava *pacas*. Quer dizer, *como* não considerar o ano em que você não só sairia de casa para fazer faculdade, como voltaria para o Rio de Janeiro junto do João Augusto e teria *toda* a liberdade do mundo para... bem, para *tudo*?

Eu mal conseguia conter a empolgação dentro de mim, a ansiedade por começar uma vida nova, uma que eu havia escolhido por mim mesma. É claro que eu sentia um frio na barriga por, pela primeira vez, ficar longe da minha mãe e ter que me virar sozinha morando só com o Hélio e o Apolo na nossa casa em Jacarepaguá. Eu me sentia ansiosa e inquieta, mas a expectativa conseguia ainda assim ser maior do que tudo.

Mas essa era uma história guardada para depois.

— Ok, ok, crianças, eu amo conversar, mas se a gente não se organizar agora ninguém vai conseguir comer antes da meia-noite — disse mamãe. Ameaçar a comida era a única coisa capaz de fazer todos os 11 filhos daquela família calarem a boca. Ela pareceu satisfeita. — Apolo, Hélio e Guto, vocês descascam as batatas e as cenouras. Pat e Stella, vocês ficam com a salada de

frutas. Leo e Maia, que tal deixarem as rabanadas prontinhas pra fritar? Otávio, você fritar quando eles terminarem. Edu faz a mousse, Hipólita cuida do arroz e Calíope me ajuda com a salada de bacalhau. Vamos lá!

Quem era eu para contestar os desejos daquela mulher?

Apolo abriu o *Spotify* no celular e *Crazy in Love* da Beyoncé começou a tocar. Todo mundo olhou pra ele, algumas gargalhadas sobre a opção de música inusitada, mas meu irmão apenas disse:

— É a minha música pra entrar no clima das sessões de foto que eu tenho que fazer quando descolo um trabalho, principalmente se for só de cueca — explicou, balançando os ombros. — É o poder da Beyoncé.

— Amém!

Cozinhamos ao som de Beyoncé e muitas discussões sobre métodos de cortar frutas ou fazer a melhor mousse de maracujá do Paraná inteiro. Algumas vasilhas podem ou não ter caído no chão e espalhado líquidos gosmentos por todos os lados, alguns dedos podem ou não ter sido cortados e sangue ter espirrado por aí, causando o maior alvoroço em todo mundo atrás do papel toalha pra estancar depois de lavar com água corrente — e essa pessoa pode ou não ter sido o João.

Minha mãe podia muito bem ter pedido para a Inês deixar as coisas prontas com antecedência, mas é claro que ela não perdia uma oportunidade de usar seu próprio lote de escravos pessoais.

De modo que passamos horas a serviço da Carrasca Senhora Minha Mãe até que tudo estivesse encaminhado para cozimento e/ou divinamente guardado na geladeira esperando a noite. Se eu a perdoava, era única e exclusivamente porque ela tinha feito a farofa de ovo e bacon, que é esse tipo de comida que faz uma mudança na vida das pessoas. Existe vida antes e depois de ter provado a farofa da minha mãe, e eu obviamente estava do lado vencedor.

Há vantagens em ser filha de uma professora louca, mas que cozinhe bem.

Sentados de volta no deque da piscina enquanto o sol se punha em plenas quase oito horas da noite, estávamos nós — os filhos — jogando conversa fora e aproveitando as cores maravilhosas com as quais o céu estava pintado naquele dia de verão natalino. É claro que o calor do Rio não se comparava ao que a gente passava no sul, mas depois de um ano e meio morando em Assunção, todos os meus anticorpos preparados para a morte dos cinquenta graus cariocas estavam adormecidos.

Quase dois anos morando em Assunção.

O pensamento me pegou desprevenida enquanto meus irmãos e irmãs riam de uma história louca que Leo estava contando sobre um dos seus companheiros no time de natação. Eu já estava tão acostumada à minha cidadezinha, mas tão empolgada com a perspectiva de voltar para o Rio, que não tinha me dado conta do quanto sentiria falta de morar ali. Era um pensamento estranho se você pensar no fato de que eu não estava nem um pouco a fim de me mudar, em primeiro lugar, mas muita coisa havia acontecido desde então. Coisas que me mudaram completamente, pessoas que entraram na minha vida e fizeram a minha concepção de família crescer um *pouquinho*.

Meu olhar se encontrou com o de Stella, e minha irmã sorriu pra mim. *Minha irmã*. Era isso o que ela era, né? Ela, Patrícia, Leo e Edu. Era isso o que eu sentia pelos quatro, mesmo com toda a loucura de estar apaixonada pelo irmão de sangue deles. Mas será que isso não os fazia mais família ainda? Tanto pelo que representavam para mim quanto por serem irmãos da pessoa que eu amava. Eu aprendi a amá-los também, mesmo com todas as nossas óbvias diferenças, todos os nossos óbvios conflitos a serem vencidos.

— Como foi pra você quando foi embora? — perguntei de repente, nada a ver com o assunto que estava rolando. Todo mundo olhou pra mim e todo mundo sabia que minha pergunta tinha sido direcionada ao mais velho da roda.

Eduardo, o Mestre Alfa da matilha, deu um sorriso de lado que era assustadoramente igual ao do João.

— Difícil. Assim como também é difícil voltar e depois é mais difícil ainda ir embora de novo.

— E o que não é difícil hoje em dia? — disse Apolo, bebendo um gole de cerveja. Eu ainda conseguia ficar espantada com o quanto meu irmão podia ser certo mesmo sem perceber. E depois ainda vinham me dizer que ele era o gêmeo menos inteligente.

Protesto.

— Tô aqui meio pega de surpresa com o quanto vou sentir falta de Assunção — admiti. — O que tem nessa cidade que parece que gruda dentro da gente?

— Pessoas maravilhosas? — Patrícia arriscou, brincando. — Gente muito bonita?

— Tu tá andando muito com o Apolo — Stella implicou, para a satisfação do meu irmão, que sorriu sacana por ser novamente o centro das atenções.

— Edu que vai gostar de finalmente ter mais gente por perto, né não? — Hélio disse, dando um tapinha nas costas do primogênito da família. Eu sempre tive irmãos mais velhos, ao contrário de Hélio. Mas o modo como ele respeitava o Edu me lembrava muito o jeito como *eu* olhava pra ele.

— Tadinho, ele ficava tão distante das tretas acontecendo por aqui, só recebia a *newsletter* quando vinha visitar — disse Hipólita. — Lembra quando a Maia operou a gengiva no início do ano, e ele não entendeu nada quando chegou em casa e a viu com as bochechas todas inchadas?

— Achou que fosse reação alérgica! — a própria Maia completou, para risada geral ao nos lembrarmos da situação.

Podre Eduardo, mais último a saber do que corno manso.

Ele também riu de si mesmo, daquele seu jeitão um pouco reservado, meio tímido, mas também sempre muito espirituoso.

— Agora é a minha vingança. Eu ficava só espiando de longe, mas agora é a minha vez de brilhar — disse ele.

— A gente agora deixa tu sentar conosco no recreio, piá —
João brincou.

— Só se tiver a rabanada da vó — Edu objetou.

— A rabanada da vó! — fez-se um coro.

A farofa da minha mãe estava para comida salgada o que a rabanada da vovó Becker estava para comida doce. Nem ela nem meu avô estavam com a gente nesse Natal, ao contrário do luto pela falta da rabanada — que descansa em paz até 2017.

A verdade era que eu nunca fui uma grande fã do Natal nem nada disso, porque sempre rolava muito estresse na hora de comprar os presentes, e quando finalmente chegava o dia, todo meu mau-humor jamais seria drenado nem se Jesus voltasse de novo em pessoa pra tentar me convencer. O que eu realmente gostava do Natal eram esses momentos em que, depois de arrumar as coisas pra ceia e antes de ela começar de fato, a gente se sentava juntos pra jogar conversa fora.

Quando a noite caiu e as estrelas começaram a pipocar no céu limpo, os mosquitos também vieram e foi essa a nossa deixa pra entrar em casa e irmos nos arrumar logo de uma vez — até porque, com a casa cheia, a fila do banheiro voltava a causar inveja à do Bolsa Família na época em que ainda existia democracia no Brasil.

Definitivamente não em 2016.

— 2016 foi um ano estranho — falei pro João enquanto me sentava ao lado dele no sofá da sala. Nós dois ficamos por último no rodízio do banheiro do terceiro andar.

Meu namorado se aproximou de mim e passou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, mais interessado nos meus lábios se mexendo do que no que eles tinham a dizer. Eu dei um tapinha no peito dele, pra fazê-lo prestar atenção, mas o descara-do apenas riu e me roubou um beijo. É claro que eu amoleci na mesma hora, porque essa era eu agora que o fogo da paixão ardia sem se ver e se alastrava pelo meu corpo.

— O que tem 2016? — ele perguntou, cedendo à minha vontade finalmente. Assim é que tinha que ser mesmo.

Ele havia ficado tanto tempo fora que eu nunca parava de contar as coisas que aconteceram, parecia que não havia fim. João Augusto esteve muito ocupado desbravando o globo terrestre enquanto as coisas mais bizarras aconteceram para o resto de nós, pobres mortais.

— Pra começar, foi o fim de *Brangelina* — falei, ainda muito abalada com o fato de que Brad Pitt e Angelina Jolie não eram mais um casal. Quer dizer, quando que eu achei que estaria viva para ver isso acontecer? — Pior, foi o fim de William Bonner e Fátima Bernardes! João, 2016 foi o ano em que o amor desistiu dos seres humanos.

Ele soltou uma gargalhada, apoiando a cabeça no punho e o braço no sofá, me fitando entretido com aqueles olhos que insistiam em ser verdes.

— Minha avó materna sempre diz que no fim dos tempos o amor se esfriará. Aparentemente está na Bíblia, e se tá na Bíblia então é verdade.

— Eu nunca achei que fosse dizer isso na minha vida — falei muito séria, segurando o pulso dele que descansava entre nós. — Mas acho que a Bíblia tá correta.

— Será que o Apocalipse vai acontecer antes ou depois de a Katy Perry ganhar um *Grammy*, guria? — ele brincou, fingindo preocupação. Eu quase ri, mas consegui manter minha postura muito séria para aquela questão de vida ou morte que estávamos debatendo.

— Não sei, piá, mas é possível que tudo isso esteja acontecendo por causa do Oscar do Leonardo DiCaprio — ponderei. — Ele alterou todo o curso do universo.

João tentou ficar sério também, até chegou a fazer uma cara de espanto, mas ele não era tão forte quanto eu nesse jogo. Meu namorado riu de um jeito muito gostoso que fazia um calor aconchegante de puro leite e adoração se instalar dentro de mim. Poucos sons eram tão incríveis de serem ouvidos quanto a risada daquele menino Jão.

Entrelacei nossos dedos e aproximei meu rosto do dele, de modo que dessa vez a ladra de beijo fui eu. João me segurou pela cabeça enquanto as risadas cediam lugar aos poucos ao movimento dos nossos lábios unidos. Ele me deu um beijo na bochecha e me abraçou apertado antes de nos soltarmos, mas quando meus olhos se desvencilharam dele, notei que meu padrasto estava nos observando.

Insira aqui um palavrão de cinco sílabas.

Marido Número 3 sempre foi um cara meio certinho e um tanto tenso. Eu não sabia como é que o casamento com a minha mãe estava dando tão certo, visto que ela era uma mulher cheia das excentricidades e de coração aberto. Foi ela quem deu a bênção a mim e ao João quando ele voltou pra casa, foi ela quem me garantiu que não me faria mais sofrer e que enfrentaríamos tudo juntos da melhor maneira possível para a nossa família, sem que tudo viesse abaixo.

E, embora Otávio não tenha feito nenhuma objeção sobre a decisão de sua esposa, embora tenha ficado claro naquele dia no aeroporto que ele era voto vencido dentro da família, ele mesmo não havia conversado comigo ou com o filho nenhuma vez sequer. Ele mesmo não tinha nos dito com todas as letras que estava tudo bem, que ele, assim como todos os outros, só queria a nossa felicidade e estava ciente das possíveis consequências da situação.

De modo que João e eu éramos o mais reservados possível quando estávamos em casa. Não só porque respeitávamos aquele lar como um lugar sagrado, como a casa dos nossos pais que jamais conseguiríamos violar, tanto porque não queríamos extrapolar nenhum limite do Otávio, que ainda estava tentando digerir aquilo da melhor maneira.

João, notando a minha tensão repentina, olhou pra trás na direção que eu encarava e encontrou o pai. Eu vi o modo como seu maxilar saltou e ele engoliu em seco. Apertou nossos dedos unidos enquanto aquele minuto não se passava nunca. Eu entendia a

hesitação do Otávio, mas era realmente muito complicado quando seu desconforto ficava visível — porque eu sabia que ele não fazia por mal, que ele estava tentando.

Depois de quase dois anos eu conhecia o meu padrasto bem demais pra saber que ele era uma pessoa maravilhosa. Se meu pai fosse como ele, eu também o idolatraria assim como os Becker idolatravam Otávio. Da mesma maneira que, embora eu sempre fizesse piada com o fato de ela ser doida de pedra, não havia ninguém mais precioso nesse mundo, pra mim, do que a minha mãe.

Eu só queria que, pelos deuses, Marino Número 3 desse meia-volta e a gente pudesse encerrar de uma vez esse olhar 43 de dois minutos inteiros.

Se você está aí se perguntando, não foi isso o que ele fez.

Porque é claro que as coisas nunca acontecem exatamente do jeito que a gente quer, principalmente se a pessoa em questão for *eu*.

Enquanto Marido Número 3 se aproximava de nós e não havia mais ninguém por perto para nos salvar dessa cilada, meu coração simplesmente foi do quilômetro 0 ao 1000 em questão de segundos. Os dedos de João apertaram os meus com mais força ainda, e eu sabia que ele estava se sentindo da mesma forma que eu — talvez ainda pior.

Não consegui ler a expressão no rosto do Otávio, tamanho era o meu desespero, mas ele parou diante de nós e soltou um suspiro antes de se sentar no sofá ao lado. João e eu nos entreolhamos de soslaio e o encaramos de volta, sem saber exatamente o que era seguro fazer.

— Pai — ele disse, como se o estivesse saudando. Foi um tanto estranho, mas melhor do que o silêncio mortal.

Otávio e seus olhos castanho claros nos estudavam e os dedos batiam no braço do sofá de um jeito que não era nada legal se ele não quisesse dar a entender que estava pensando em quais os tipos de morte são mais dolorosos para jovens adultos.

Engoli em seco.

— Eu odeio que vocês se sintam assim tão em alerta de perigo toda vez que eu chego perto — ele comentou, assim, *do nada*.

Alerta de perigo, *de fato*. Se nós fôssemos do reino animal, o Otávio seria um tubarão branco, e João e eu meros peixes-palhaço tão perdidos quanto o Nemo. Pelo menos naquele momento.

— Hum, pai...

Marido Número 3 estendeu a mão, interrompendo meu namorado.

— Deixa eu falar, João Augusto.

Eita. É de conhecimento geral que quando seu pai diz seu nome todo é porque a coisa tá séria. João esquivou as sobrancelhas e ficou quieto. — Tu tens um jeito de olhar pra Cali que me lembra o modo como eu olhava pra sua mãe.

A maneira como ele disse aquilo foi tão sinceramente vulnerável que senti o modo defensivo do meu corpo afrouxar. Era estranho que ele estivesse falando de mim na terceira pessoa quando eu estava bem ali na sala também? Com certeza. Porém eu, que era muito compreensiva e futura estudante de psicologia, entendi que aquele era um momento de pai e filho.

João sempre ficava muito interessado e notavelmente mexido quando sua falecida mãe era mencionada. O Otávio sabia e talvez por isso tenha escolhido falar dela naquele momento — era o melhor jeito de mostrar ao João que ele podia baixar a guarda.

E foi isso o que ele fez na mesma hora.

João olhou pra mim e depois de volta para o pai, a intensidade do seu olhar verde inegavelmente doce e ansiosa.

— Eu só queria que vocês soubessem disso — ele continuou. — E que eu os amo *muito*.

Se ainda havia qualquer resquício de tensão entre nós, ela foi embora nesse derradeiro momento.

— É noite de Natal, logo será o ano novo, e vocês dois vão embora daqui — ah, Otávio. Não adianta tentar engolir esse nó na sua garganta e fingir que não está querendo chorar. *A gente sabe*,

era o que eu estava dizendo pra ele com o olhar. A gente sabe. — Tudo o que eu sempre quis foi que essa casa fosse um lugar seguro pra vocês, mas percebi que ultimamente sou eu quem acaba fazendo ela não ser. Por medo de que ela deixasse de ser, o que é contraditório.

— As pessoas são contraditórias sem querer o tempo todo — João comentou. E esse foi seu jeito de dizer “a gente entende”.

Otávio parecia extremamente aliviado. E eu? Bem, o que eu poderia dizer sobre isso? Se eu fosse uma garota impulsiva já teria me levantado dali pra dar um abraço naquele homem bobão. Ele podia não ser meu pai de verdade, mas foi o primeiro que escolhi amar como tal, além do meu avô. E isso, pra mim, era *muito*. Pra ele também.

Para todos nós.

Meu padrasto se levantou do sofá e apertou meu ombro com carinho, coruja do jeito que era, sempre querendo manter os filhotes no ninho em segurança. Sempre tentando evitar que nós corrêssemos qualquer risco, e isso significava mais ainda.

— Eu não podia desejar ninguém melhor do que alguém como tu pra fazer meu piá se apaixonar — disse com um sorriso amoroso. Ele olhou para João de um jeito cúmplice. — Eu sei como é amar uma garota ruiva Medina. Não tem como voltar atrás, filho.

A forma como o rosto do João se iluminou foi a coisa mais maravilhosa que eu já vi.

— Não tô planejando ir a lugar nenhum.

Mais tarde, durante o seu discurso na ceia de Natal, Otávio falou sobre a importância de ter todos nós reunidos ali naquele dia. Ele discursou sobre como sentia que a melhor decisão que já tomou foi de ter proposto a professora preferida do seu filho mais velho em casamento, mesmo que isso tenha dado um nó completo na vida de todo mundo sentado naquela mesa de jantar. Mesmo que não tenha sido nem um pouco sábio e muito imprudente.

Mas é aquela coisa sobre o amor que eu nunca tinha compreendido antes, embora agora, parando pra pensar, eu soubesse a minha vida inteira. O nosso cérebro não é capaz de racionalizar completamente quando se trata das pessoas que amamos e as coisas que faríamos por elas. Foi por isso que eu saí desesperada quando Hipólita desapareceu no ano passado, que minha mãe e Otávio resolveram se casar, que Stella abriu mão do cara de quem gostava para não magoar a irmã gêmea. Foi por isso que João enfrentou o pai pra poder ficar comigo, que Hélio trabalhou no cinema pra poder comprar uma passagem pra ir ver a Julia, que Edu sempre voltava para casa mesmo que sua vida estivesse uma loucura no Rio de Janeiro.

Nós brindamos e comemos o jantar preparado pelas nossas próprias mãos, e a família Medina-Becker manteve a tradição de nunca calar a boca e sempre promover desastres — como entornar vinho na toalha branca de renda separada especialmente para a ocasião e fazer minha mãe saltar da cadeira como um relâmpago para não manchar também o seu vestido novo.

Eu gostava de pensar que isso só adicionava um “que” de charme à nossa já charmosa Família Monstro. De alguma maneira havíamos conseguido encontrar um equilíbrio nesse desajuste completo, e o caos nos caía muito bem, obrigada. Da mesma maneira como a mesa de trabalho da minha mãe estava sempre bagunçada, mas essa desorganização era o seu jeito de conseguir se entender e encontrar tudo do que precisava lá em cima.

Nós jamais seríamos perfeitos, mas se você quer saber, eu acho que perfeição é um conceito muito superestimado. O que nós tínhamos era cheio de falhas e rotas alternativas, mas era inegavelmente *real*. Preenchia meu coração de um sentimento tão puro e tão intenso de pertencimento que tudo o que eu conseguia fazer quando os contemplava, em momentos como esse, era agradecer.

2017 se aproximava com as suas inúmeras expectativas me pegando de todos os lados. O espírito natalino se apossou de mim

como poucas vezes antes, talvez justamente porque eu não estava conseguindo controlar a nostalgia e a consciência de que meu tempo integral em Assunção estava chegando ao fim. Assim como essa jornada havia começado cheia de tropeços, estava prestes a terminar com esperanças dobradas de que a próxima aventura fosse tão imperdível e irremediavelmente *nossa* quanto a anterior.

Encontrei o olhar de Eduardo na mesa, e meu irmão sorriu para mim, levantando a taça de vinho em um movimento de brinde. Ele foi o primeiro a ir embora, antes mesmo de nós nos conhecermos, e agora estávamos indo ao seu encontro.

— Um brinde à nossa família — Otávio propôs no final do discurso fofo. — Agradeço todos os dias por ter vocês na minha vida, crianças. Um brinde a vocês!

Mamã segurou a mão dele, que olhou pra ela com um sorriso de encanto e devoção no rosto.

— Um brinde também à farofa da Clara — Patrícia propôs, sempre muito sábia. Houve um eco de risos e o brinde finalmente foi feito com muito entusiasmo.

João me deu um beijo no rosto depois de beber um gole de vinho, e eu encontrei seu olhar. Não era preciso dizer mais nada, já que o reflexo da minha felicidade estava estampado no rosto dele, vivo e sereno como se mesmo depois de ter rodado o mundo todo não houvesse nada que ele quisesse mais do que fazer parte desse momento, aqui e agora.

Para que servia o Natal se não pra isso, afinal de contas?

Enquanto minha família se deixava levar pela comida boa e pelos ecos das nossas vozes sobressaltadas, tudo dentro de mim sorriu. E o mundo inteiro riu ao nosso redor e dentro de nós, para nós e conosco.

Para *todos* nós.

SOBRE A AUTORA



BRUNA FONTES

nasceu em 1993 durante uma baita tempestade de agosto, na cidade de Niterói. Começou a escrever quando descobriu o maravilhoso mundo das histórias online e depois disso nunca parou. É revisora, tradutora e professora, além de preguiçosa profissional. Em outra vida foi Anastásia

Romanov, ainda quer conhecer o mundo todo e a sua única certeza é a de que estará sempre preparando um próximo livro.



@queenbrubs

Conheça outros títulos da
Duplo Sentido Editorial!

Acesse nosso site
www.duplosentidoeditorial.com



[@DuploSentidoED](https://www.instagram.com/DuploSentidoED)